

TV+

Série nacional *Sentença* humaniza personagens complexos e escancara as diferenças sociais no sistema penitenciário brasileiro

Tribunal humanizado

POR VINICIUS NADER

“**T**odos têm direito à defesa.” Esse é o lema da renomada advogada criminalista Heloísa (Camila Morgado), protagonista de *Sentença*, que o Amazon Prime Video estreou sexta-feira. É também o que rege grande parte dos personagens e das ações da boa série que tem direção de Anahí Berneri e Marina Meliande.

Uma curiosidade de *Sentença* é que ela é uma daquelas séries de tribunal em que os americanos se especializaram. Aqui, Heloísa defende Dinorah (Lena Roque), provável assassina do companheiro, em ação com tintas tupiniquins. “Adaptamos o formato à Justiça brasileira. Podemos mostrar como funciona o nosso sis-

tema judiciário, não o americano. Contamos com uma assessoria jurídica para isso”, afirma a diretora Marina Meliande.

“(A série de tribunal) É um subgênero do drama que funciona muito bem. O roteiro sofisticado me chamou muito a atenção quando li a série, com o cotidiano de advogados e procuradores fora dos tribunais também”, completa Malu Miranda, head de conteúdo original brasileiro do Amazon Studios. Em *Sentença*, vemos Heloísa envolvida com processos e com a vida profissional, mas também a leoa que ela vira quando, por exemplo, o filho é vítima de racismo numa briga de trânsito ou às voltas com a crise com a sogra.

Mas não se engane. Heloísa não é daquelas personagens infalíveis, acima do bem e do mal. E nem se coloca assim. A advogada está presa a

uma questão do passado que a atormenta e a leva a estabelecer uma ligação com Zeca (Rui Ricardo Diaz), chefe de uma das facções criminosas mais poderosas do país. Tal ligação pode opor Heloísa ao marido, o promotor Pedro (Fernando Alves Pinto), e à esposa de Zeca, Moira (Heloísa Jorge).

“Os personagens de *Sentença* não são bonzinhos ou totalmente maus. Gosto de personagens assim. Eles são complexos, feitos do que a gente é, das escolhas que a gente faz na nossa vida. No início, você acha que a Heloísa é uma heroína, mas aí ela se depara com uma escolha difícil. E o público se pergunta: ela vai atravessar essa fronteira ética? As pessoas se identificam com uma pessoa que acerta e erra e isso faz com que ela fique tão perto do público. Esse lugar da heroína que pode errar é fundamental para que a audiência possa fazer a escolha dela sobre se a ação está certa ou errada”, afirma Camila.